

O BRASIL NO CONTEXTO DAS NOVAS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS

Teresa Sales*

Quando comecei a me interessar pelo imigrante brasileiro que vive e trabalha no exterior, ao impacto de encontrá-lo nas ruas e nos restaurantes e lanchonetes de Boston (onde fazia um estágio de pós-doutorado no ano acadêmico 1990/1991), eram poucos os trabalhos e pesquisas sobre esse novo fenômeno da emigração de brasileiros para fora do país. Apenas a imprensa o retratava. Passados alguns anos e um contínuo aumento do fluxo de migrações internacionais de brasileiros, não apenas a imprensa multiplica suas notícias como começam a aparecer os primeiros resultados publicados das pesquisas acadêmicas (Sales, 1991, 1992,

1994; Goza, 1992; Margolis, 1994).

Ao escrever esse artigo, ao impacto da Conferência Internacional de População e Desenvolvimento que se reuniu no Cairo em setembro de 1994, somente a revista *Veja* (Ano 27, nº 36, 07/07/1994) dedicou ao tema 22 páginas ininterruptas. Imigrantes brasileiros vivendo nos Estados Unidos foi também o tema de abertura da novela de Gilberto Braga (*Pátria Minha*) e até de comerciais do recém-criado Plano Real. Torna-se portanto visível um fenômeno social até então pouco considerado no cotidiano da vida brasileira.

Nesse artigo, pretendo abordá-lo fazendo inicialmente algumas considerações

sobre os recentes fluxos de migração de brasileiros para o exterior, para em seguida abordar a questão do imigrante brasileiro nos Estados Unidos, motivo principal da pesquisa que coordeno atualmente.

Os recentes fluxos de migrações brasileiras

Tivéssemos já disponíveis os dados dos Censos de 1991 relevantes para esse fim, e poderíamos ter algumas indicações numéricas desse novo fenômeno sócio-demográfico brasileiro. O simples fato de um contingente populacional menor do que o que seria esperado pelas projeções populacionais para aquele ano de 1991, bem como dados preliminares sobre sexo e estrutura etária da população, por si só têm sido cogitados como possíveis indicadores da evasão de brasileiros, o que é contudo uma aproximação ainda muito imprecisa do fenômeno.

Mais pródiga tem sido a nossa imprensa e até do países de destino dos fluxos migratórios brasileiros, que não têm se furtado de noticiar com muito frequência fatos e números em torno dos imigrantes brasileiros em outros países. Segundo essas fontes, calcula-se, por exemplo, 150 mil brasileiros no Japão, 100 mil em Nova York, 150 mil na Grande Boston, 330 mil nos Estados Unidos como um todo, 1,25 milhão que teriam deixado o país sem retorno entre 1985 e 1987 (uma evasão de quase 1% da população brasileira) (Sales, 1994).

Estamos fugindo de nossa década perdida pelos portões de embarque dos aeroportos internacionais. As migrações re-



Foto: Sidney da Silva

Brasileiros em Nova York

centes de brasileiros para os Estados Unidos, para o Japão, para Portugal, para a Itália e até para o Paraguai, são o retrato cruel de um Brasil que, se na passagem do século passado e primeiras décadas do atual recebia imigrantes que para aqui trouxeram o seu legado de técnica e cultura, agora, na passagem para um novo século, começa a exportar o que há de melhor em seu território: o seu povo. O retrato do brasileiro imigrante na imprensa (na pesquisa que coordeno sobre "O Brasil no contexto das novas migrações internacionais", mantemos um banco de dados sobre esse assunto) mostra sobretudo o Brasil clandestino do trabalho ilegal, da criminalidade e da discriminação sofrida nos outros países.

Na construção de uma nova ordem mundial marcada pela integração e pela flexibilização do mercado de trabalho, onde os imigrantes estrangeiros formam uma nova categoria de trabalhadores sujeitos às maiores explorações e falta de garantias trabalhistas básicas, o Brasil perde o bonde da história e se incorpora ao time dos países exportadores de mão-de-obra. São homens e mulheres jovens, com os quais o nosso precário Estado do Bem Estar gastou, de qualquer forma, em saúde e educação e que, no momento mais precioso de suas vidas, vão realizar um trabalho geralmente aquém de suas qualificações, envergonhados de sua condição clandestina. A diáspora brasileira provavelmente não tem retorno, a não ser na forma dos dólares que inflacionam mercados imobiliários nas regiões de predomínio dos emigrantes estrangeiros, das quais Governador Valadares é o exemplo paradigmático.

A história desses novos fluxos de migração de brasileiros tem especificidades, dependendo do local de destino para onde se dirigem.

Portugal, pela vinculação histórica de pátria-mãe e de uma corrente de migrações de portugueses para o Brasil, bem como pela indentidade linguística, e até por ser visto como uma porta de entrada para a Comunidade Econômica Européia, veio a se constituir num desses novos fluxos de migração de brasileiros. Não sendo a mais numerosa, foi talvez a mais controversa de todas as novas correntes migratórias, tendo causado inclusive incidentes diplomá-

ticos que num certo momento mobilizaram bastante a imprensa e a opinião pública brasileiras, em função sobretudo dos profissionais de odontologia lá radicados.

Não por acaso, é um dos poucos casos em que o migrante brasileiro de fato ameaçou a população nativa em termos de concorrência no mercado de trabalho, pois no caso de Portugal trata-se de um fluxo migratório do tipo que tem sido caracterizado na literatura como *evasão de cérebros*. Para Portugal têm migrado profissionais de vários campos de atividades, artistas, que lá encontram campo para exercer sua profissão. Há também um interesse de empresas brasileiras naquele país, como bem diz o jornal **O Globo** de 22/01/89: "A invasão brasileira começou com as novelas e vem aumentando nos dois últimos anos, com a emigração e o crescente interesse de empresas do Brasil em investir na antiga metrópole, de olho no Mercado Comum Europeu". A carência de profissionais capacitados, que tem sido provida em alguma medida pelos imigrantes brasileiros naquele país, *versus* as pressões da Comunidade Econômica Européia para que Portugal adote medidas restritivas em relação às migrações de suas ex-colônias, foi um conflito que esteve em cena durante os incidentes diplomáticos envolvendo Brasil e Portugal e que provavelmente vem acompanhando desde então as relações desses dois países.

Tal como acontece em relação aos demais fluxos migratórios brasileiros, também não se tem dados numéricos em relação a esse que se dirige para Portugal, a não ser em números aproximados divulgados pela imprensa. Segundo a **Folha de São Paulo** de 29/08/88, o consulado brasileiro em Lisboa contabilizava a inscrição de 1.706 imigrantes desde 1987. Extra oficialmente porém, falava-se em 15 a 20 mil brasileiros morando em Portugal, sendo a maior parte na condição de clandestinos.

O fluxo migratório Brasil-Japão, que tem um único ponto em comum com o fluxo Brasil-Portugal, no fato de terem sido ambos precedidos de migrações em sentido inverso, tem especificidades que o tornam um caso muito especial. Há antes de tudo uma questão racial e étnica muito relevante nessa corrente migratória Brasil-Japão, pois não migram indistintamen-

te brasileiros para o Japão, mas sim os descendentes de japoneses que migraram para o Brasil em décadas passadas. Essa é uma questão muito relevante, tendo em conta a intenção dos japoneses em conservar sua pureza de raça, conforme pude constatar em recente entrevista sobre esse assunto. A outra especificidade da migração Brasil-Japão é que é uma migração dirigida e incentivada pelo próprio Japão. O problema da clandestinidade, por exemplo, traço marcante da migração de brasileiros em outros países (como de resto, da maioria dos atuais fluxos migratórios) praticamente inexistente entre os brasileiros imigrantes no Japão, pois vão quase todos através de um contrato pré-estabelecido com empresas japonesas, com tempo delimitado para lá permanecer e regressar. Existe naturalmente o problema da clandestinidade de migrações no Japão, porém por parte de outras correntes migratórias que para lá se dirigem, como é o caso dos coreanos e chineses.

O fenômeno de *kasasegui*, como tem sido caracterizada a migração Brasil-Japão pelos próprios agentes do processo, em referência aos tempos remotos em que o termo era empregado para os emigrantes do Norte e Nordeste do Japão que se dirigiam para as regiões mais desenvolvidas como Tokio e Osaka à procura de trabalho (Sasaki, 1993), assumiu tais proporções, que o Japão chegou a promulgar uma nova legislação naquele país, a Lei de Controle de Imigração, em junho de 1990. Atualmente, o fluxo migratório Brasil-Japão é o segundo maior do Brasil, sendo superado apenas pelo fluxo Brasil-Estados Unidos. Calcula-se hoje em 150 mil o número de brasileiros *nikkeis* no Japão.

Um dos fluxos de migração do Brasil para fora de suas fronteiras e que em nada se assemelha aos demais fluxos que tomam vulto na década de 80, é a migração Brasil-Paraguai. Antes de mais nada, porque é um fluxo migratório bem mais antigo, tendo começado já na década de 60. E depois porque é constituído sobretudo de pequenos produtores rurais, que emigraram para continuar nessa condição camponesa no país de destino. O fluxo migratório Brasil-Paraguai é quase como um desvio de rota das grandes levas de migrações internas ocasionadas pela modernização agrícola

brasileira. Populações expulsas do campo pela implantação de novas tecnologias e cultivos se dirigem às zonas de fronteiras no Norte e Centro-Oeste do país, dirigindo-se uma parte desse fluxo para o Paraguai.

Enquanto o Brasil passava pelo processo modernizador e expulsor de população na agricultura, o Paraguai procedia a um plano de modernização econômica visando a sua maior participação no mercado externo, onde o grande destaque era dado às atividades na agricultura. Tenha-se presente que naquele período o setor primário representava em torno de 60% do PIB daquele país. Contando com incentivos do governo paraguaio, cerca de 350 mil brasileiros migraram nesse período para o Paraguai. Enfrentando dificuldades de toda natureza, inclusive muitos conflitos de terra com a população nativa, os brasileiros, ou "brasiguaios", como passaram a ser chamados, iniciam um processo de retorno e hoje calcula-se que o contingente de brasileiros no Paraguai, mesmo assim, ainda seja em torno de 290 mil. Apesar de mais antigo, também esse é um fluxo de migração de brasileiros sobre o qual se dispõe de poucos dados oficiais, sendo a atuação das pastorais da Igreja Católica uma das fontes de informação.

O fluxo migratório Brasil-Estados Unidos, tema da minha pesquisa, é talvez o espaço mais apropriado para entender o trabalhador brasileiro no contexto das recentes migrações internacionais, onde se configura um certo mercado de trabalho com características especiais. Tratarei desse assunto no item que vem a seguir.

O Imigrante Brasileiro nos Estados Unidos

Apesar do título genérico que nomeia essa parte do artigo, meu referencial empírico se refere apenas a um dos locais para onde se dirigem as migrações de brasileiros para os Estados Unidos, que é a região da Grande Boston. Essa região tem recebido imigrantes de várias partes do Brasil, mas é sem dúvida o fluxo migratório Governador Valadares-Boston, aquele que se estabeleceu mais fortemente naquela região dos Estados Unidos. Outra marca importante desse fluxo migratório de brasileiros é que ele é constituído sobretudo de

trabalhadores que se integram no chamado mercado de trabalho secundário.

A hipótese da segmentação do mercado de trabalho (Portes, 1981; Piore, 1979) se baseia no modelo no qual o mercado é dividido em um setor primário e um secundário. Os migrantes se encontram sobretudo no setor secundário, sendo os empregos no setor primário largamente reservados para os nativos. Uma das explicações para esse dualismo do mercado de trabalho, que se sobrepõe à dualidade entre capital e trabalho, repousa na flutuação e na incerteza que são inerentes a toda a atividade econômica no mundo capitalista. Segundo Piore (1979), ao se organizarem e conseguirem estabilidade no trabalho, os trabalhadores estão na verdade atacando um sintoma e não a causa do problema, que reside justamente naquela flutuação e incerteza. O setor secundário constitui-se então como um meio de evasão, por ser o setor do mercado de trabalho que não é sujeito a restrições em dispensa de mão-de-obra e para o qual pode ser transferida a porção instável da demanda.

Os empregos no mercado de trabalho secundário são aqueles que requerem pequeno ou nenhum treino, estão na mais baixa escala de salários, oferecem pouca ou quase nenhuma oportunidade de mobilidade e são caracterizados por uma elevada rotatividade. Nesse mercado de trabalho, o papel do imigrante é menos o de aumentar o suprimento de trabalho, do que o de aumentar o suprimento de trabalho de baixo salário, pois é um trabalho "usado para preencher a base da estrutura ocupacional e, simultaneamente, para combater os esforços organizativos da classe trabalhadora doméstica" (Portes, 1981:281).

Tal como caracterizado acima, o emprego no mercado de trabalho secundário, existente já na produção de massa que caracterizou o sistema fordista de produção nas décadas que sucederam à IIª Guerra, sobretudo nos anos 60, tende a apurar suas características de instabilidade e insegurança no período recente de flexibilização do mercado de trabalho, pelo fato dessa flexibilização obedecer a uma lógica diferente. A especialização flexível é uma tese originalmente apresentada por Piore e Sabel (1984), que consiste numa resposta

à crise do capitalismo por meio de uma segunda cisão industrial caracterizada por combinar competição e cooperação, com aumento da eficiência e reorganização dos padrões sociais. Tal como a caracteriza Harvey, a acumulação flexível "apoia-se na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional (...) Esses poderes aumentados de flexibilidade e mobilidade permitem que os empregadores exerçam pressões mais fortes de controle do trabalho sobre uma força de trabalho de qualquer maneira enfraquecida por dois surtos selvagens de deflação, força que viu o desemprego aumentar nos países capitalistas avançados (salvo, talvez, o Japão) para níveis sem precedentes no pós-guerra" (Harvey, 1993:140-141).

O ponto em comum entre o mercado de trabalho dual e flexível é que em ambos e nos dois momentos, o trabalhador imigrante tem sido uma peça chave para a demanda variável de mão-de-obra desqualificada. A presença de trabalhadores imigrantes, sobretudo dos trabalhadores imigrantes clandestinos, no mercado de trabalho dos países capitalistas avançados é decorrência, em última análise, de uma característica estrutural do capitalismo em suas atuais carências de mão-de-obra, na qual os trabalhadores subcontratados, os temporários, os trabalhadores *part time* - numa palavra, o setor informal moderno - seriam a expressão mais contundente da flexibilização da força de trabalho.

O imigrante brasileiro já encontra em Boston um mercado de trabalho com todas as características acima descritas. A migração de brasileiros que se dirigem àquela região dos Estados Unidos é uma migração típica de trabalhadores, que lá se incorporam sobretudo ao setor serviços. São em geral brasileiros jovens, provenientes da classe média, com nível médio de escolaridade e cujo emprego característico é nos serviços de baixa qualificação nos bares e restaurantes daquela região. Juntam-se

assim ao exército de trabalhadores imigrantes ilegais que os antecederam nesse tipo de mercado de trabalho. Para disfarçar a vergonha pelo emprego aquém de suas aptidões profissionais, aporuguesaram o termo em inglês e nunca dizem que trabalham como lavadores de prato, mas sim "na dish", que poderia ser vista quase como a situação de emprego paradigmática do imigrante brasileiro naquela região (Sales, 1991).

As dificuldades para obter visto de entrada para os Estados Unidos parece que não tem contribuído para arrefecer o fluxo. Têm feito, sim, aumentar as entradas clandestinas e as quadrilhas de falsificação de passaportes e venda ilegal do sonho americano. A clandestinidade parece ser uma das principais características da atual diáspora brasileira.

O brasileiro imigrante nos Estados Unidos, que ao começo do fluxo migratório para aquele país, em meados dos anos 80, só pensava em juntar dinheiro para depois se estabelecer em seu país, parece estar hoje mais realista quanto à sua condição de estrangeiro que foi para ficar, como tantos outros de seus irmãos latinos. Solidificou suas redes de apoio, por enquanto bastante centradas na sociabilidade religiosa; quando pode, tenta legalizar sua situação, envidando esforços para sair da clandestinidade (que é a condição predominante dos imigrantes brasileiros naquele país); e semanalmente, nas muitas lojas que negociam o sonho brasileiro - remessa de dólares, venda de passagens e bens de consumo tais como farinha de mandioca, leite moça e chocolate sonho de valsa - alugam fitas de vídeo-cassete com uma semana de programação do circo nosso de cada dia: as novelas e programas de maior audiência da Rede Globo.

Devido às próprias condições que motivaram de forma mais imediata os fluxos de emigração de brasileiros para o exterior - a recessão econômica, as esperanças e frustrações da chamada década perdida -, é possível que, a um momento conjuntural que se apresente promissor, se possam observar fluxos migratórios de retorno. Certo porém é que, uma vez estabelecido o fluxo, dificilmente ele regride totalmente. A tendência portanto é de continuidade, sobretudo levando em conta as redes

sociais e de mercado de trabalho já estabelecidas.

Os Estados Unidos como país de destino das migrações internacionais têm como um dos ingredientes intrínsecos a sua auto-representação como a terra das oportunidades, representação essa amplamente asentada nos pressupostos da competição individual. O suposto que está por trás da competição individual, por sua vez, é o da igualdade de oportunidades. Sem entrar no mérito da polêmica sobre esses próprios pressupostos (só para citar um exemplo, Myrdal já escrevia, em 1944, que os americanos têm tido em geral um forte comprometimento com a idéia de igualdade de oportunidades, desde que os negros estivessem fora da competição), vale assinalar que as primeiras abordagens das migrações internacionais foram por eles muito influenciadas. As migrações eram fatores que vinham a ferir aqueles pressupostos de igualdade de oportunidades. A solução preconizada era então a americanização dos imigrantes, ou a sua assimilação à sociedade americana.

A crítica mais radical a essa abordagem no estudo das migrações é aquela que enfatiza a ação coletiva e as redes organizadas de migração e mercado de trabalho. Dentro dessa perspectiva, as unidades efetivas da migração não são indivíduos nem famílias, mas sim grupos de pessoas ligadas por conhecimento, amizade e experiência de trabalho, as quais, de alguma forma, incorporaram a migração como uma alternativa possível a um momento crítico de suas vidas (Tilly, 1990). Daí porque as migrações não se dão de forma aleatória, mas se dirigem para aquelas poucas localidades com as quais seu lugar de origem tem fortes laços que constituem as tais redes sociais. Uma das formas de expressão dessas redes se traduz na ajuda mútua, como a moradia temporária aos que chegam e ajuda em conseguir trabalho. As remessas dos imigrantes aos seus parentes nos locais de origem em muito contribuem para solidificar mais ainda as redes, na medida em que essas remessas são fatores decisivos para a vinda de novos migrantes de uma mesma procedência.

Essas considerações sobre a importância das redes de migração e de mercado de

trabalho ajudam a compreensão dos recentes fluxos migratórios brasileiros. No caso da migração Governador Valadares-Boston, não são apenas as oportunidades pré-existentes em um mercado de trabalho aberto ao perfil do imigrante clandestino e desprotegido que contam para a continuidade do fluxo, mas também essas redes já estabelecidas. Dados que pude observar em minhas primeiras entrevistas exploratórias em Boston, como o crescimento do número e da tiragem dos jornais em português, o fato de que o imigrante brasileiro é menos indivíduo e mais família, a sua organização em torno das igrejas, são dados importantes que apontam para a continuidade do fluxo. Haveria contudo que realizar as pesquisas de campo em Governador Valadares e em Boston, contempladas pelo meu projeto, para poder quantificar e qualificar esse fluxo migratório.

* Teresa Sales é Profª Livre Docente do Departamento de Sociologia da UNICAMP e Editora da Revista Brasileira de Estudos de População.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GOZA, F. "A Imigração brasileira na América do Norte", *Revista Brasileira de Estudos de População*, vol. 9, nº 1, jan-jul/1992.
- HARVEY, D. *A Condição Pós-Moderna*, São Paulo, Edições Loyola, 1993.
- MARGOLIS, Maxine L. *Little Brazil: Imigrantes Brasileiros em Nova York*, Campinas, SP, Papirus, 1994.
- MYRDAL, G. *An American Dilemma: The Negro Problem and American Democracy*, New York, Harper, 1944.
- PIORE, M. *Birds of Passage: Migrant Labor and Industrial Societies*, Cambridge University Press, 1979.
- PIORE, M. and SABEL, C. *The Second Industrial Divide*, New York, Basic Books, 1984.
- PORTES, A. "Modes of Structural Incorporation and Present Theories of Labor Immigration". In: KRITZ, KEELY, TOMASI, *Global Trends in Migration: Theory and research on International Population Movements*, Center for Migration Studies, 1981.
- SALES, Teresa. "Novos Fluxos Migratórios da População Brasileira", *Revista Brasileira de Estudos de População*, 8 (1/2), jan-dez/1991.
- SALES, Teresa. "Imigrantes Estrangeiros, Imigrantes Brasileiros: uma Revisão Bibliográfica e algumas anotações para Pesquisa", *Revista Brasileira de Estudos de População*, 9 (1), jan-jul/1992.
- SALES, Teresa. "Brasil Migrante, Brasil Clandestino", *São Paulo em Perspectiva*, 8 (1), jan-mar/1994.
- SASAKI, Elisa Massae. *Fenômeno Dekassegui - Imigrantes Brasileiros no Japão*, Monografia apresentada na UNICAMP, 1993, (mimeo).
- TILLY, C. "Transplanted Networks". In: YANS-McLAUGHLIN, V. *Immigration Reconsidered - History, Sociology and Politics*, New Oxford University Press, 1990.